

Divino Sol

Noite. Retorno à Terra. Entre os aflitos
Que a luta impele aos últimos degraus,
Sinto a perturbação que envolve o caos
04 E a exalação de todos os detritos.

Entre o mundo e meu pranto, a sós, vagueio,
Na torva indagação que me constringe.
A vida é aterradora e imensa esfinge
No horror que me tortura de permeio.

Ao coro estranho de sinistros ventos,
Ergue-se a angústia num milhão de vozes...
Do choro mudo a imprecações ferozes,
Há turbilhões de trágicos lamentos.

Paixões embatem com medonha fúria.
O fel da provação verte sem peias...
O homem é como alguém que abrindo as veias
Tanta fugir debalde à carne espúria.

Em toda parte, a dor comprime o cerco,
E os que dormem, quais míseros cativos,
Assemelham-se a tristes mortos-vivos,
Agonizando em túmulos de esterco.

Acorrentada entre os horrendos muros
Dos seus próprios grilhões imanifestos,
A humanidade escuta os vãos protestos

Dos sonhos que morreram nascituros...

Mas dissipando a sombra por rompê-la,
Na gleba que de lodo se engalana,
Como sinal de Deus na furna humana,
28 Surge sublime e resplende a estrela.

Há nova luz de amor que tudo invade.
E percebo, no pântano entrevisto,
Que a redenção virá brilhando em Cristo,
Ante o Divino Sol da caridade.

04: Observe a semelhança desta estância com a primeira de
“ As Cismas do Destino” (Eu e Outras Poesias, pág. 67) ,
que vamos transcrever na íntegra:

“Recife. Ponte Buarque de Macedo.

Eu,

indo em direção à casa do Agra,

Assombrado com a minha sombra magra,

Pensava no destino e tinha medo!”

28: Atente-se na aliteração em s.

Obsessão

Hidra de sentimentos fesceninos,
A obsessão medonha em fúria avança;
O pranto amargo purga a intemperança
Do inferno de passados desatinos.

Dois revéis inimigos, dois destinos
Em que a treva letífera descansa:
Bela jovem, cobaia de vingança,
E um vampiro a sugar-lhe os intestinos.

Morde o hipocôndrio esquerdo a larva enorme,
Ovo teratológico disforme,
Gerando atividade corrutora.

Mas Deus e o tempo forjam doce jugo,
E encarceraram-se vítima e verdugo
Sob a maternidade redentora.

Na Hora Da Morte

Calam-se os nervos álgidos, retesos,
Na estrutura ancestral da carne mole.

O corpo, enfim, repousa, como o fole,
Sob a horrenda pressão de ignotos pesos.

Sorvo cansado e inerte o extremo gole
Do fel que encharca os músculos surpresos,
Vendo os próprios tecidos indefesos,
Sob a fauna larval que aumenta a prole...

Sinto a orgia necrófaga medonha,
Como um balão que estala, geme e sonha
Ao contubérnio de sinistros lastros.

Mas, ave abrindo a grade hirta e marmórea,
Contemplo a vida eterna, ardendo em glória,
Que me acena sorrindo além dos astros!

Morte Húmida

61 Ei-lo, doente que se desengana...
A úlcera enorme baba gosma escura;
O esqueleto senil se descostura
Ao bote da gangrena soberana.

Linfa, sangue e suor em papa insana,
Na fusão miasmática sem cura,
Por sânie e fel no ventre da amargura
Cospem a podridão da casca humana.

Última convulsão que desgoverna.
70 A morte chega brusca, horrenda e terna...

71 Corre na goela hirta fino gume.

A alma ditosa nasce noutro nível.

73 E' o parto novo... E a vida imperecível
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.

61: Ei-lo...o doente...— “um pronome pessoal ou o demonstrativo átono *o*, explicados em seguida por uma espécie de aposto”. A respeito do metro deste verso, em que a 6ª sílaba tônica recai no *que*, cf. o 1º verso do soneto “Solitário”: “Como um fantasma que se refugia”; o 10º verso de “O lamento das Coisas”: “Da transcendência que se não realiza...”, etc.

70-71: horrenda – hirta. Não raro, freqüentavam o vocabulário do poeta estas palavras. Cf. “Os Doentes” – VII, VIII, IX; “Noite de um Visionário”; “Apóstrofe à carne”; “Louvor à Unidade”; etc.

73: Aposiopese: “E' o parto novo...”

Caim

Qual monstro hirsuto que se desenterra,
76 Aborto horrendo de sinistro abdômen,
Torna Caim, sem látegos que o domem,
Para a nova balística da guerra!

As medonhas mandíbulas descerra,
Indiferente às chagas que o carcomem,
E' bramindo, desperta na alma do homem
82 As maldições anônimas da Terra...

Fera oculta no brilho do proscênio,
Crava as unhas na bomba de hidrogênio,
Fitando o mundo que se desgoverna...

Mas o Cristo contempla o quadro obscuro,
E, embora em pranto, envolve de amor puro
O lobo famulento da caverna.

76: abdômen: “ a rima *abdômen* com *domem*, é do ponto de vista ortoépico, canônico, imperfeita. Mas em verdade revela que, embora requintado em muitos aspectos de sua pronúncia, Augusto dos Anjos se deixaria levar de certas tendências populares. A pronúncia canônica, aliás, de *abdômen* é praticamente inexistente